ISSN: 2358-8829

AS MÚLTIPLAS FACES DO MEDO COMO EMOÇÃO SOCIAL: REFLEXÕES NO COTIDIANO ESCOLAR

Maria Cristiane Lopes da Silva[1]
Merysany Silva dos Santos[2]
Sanymery Silva dos Santos[3]
Andreza Fedalto[4]

INTRODUÇÃO

O medo é concebido, neste estudo, como um fenômeno social que emerge da realidade intersubjetiva, na qual as experiências são compartilhadas e carregadas de sentidos e significados a partir de quem as interpreta, sem suposições e crenças preliminares (Schutz, 1970). Desse modo, constitui-se como um fenômeno que agrega significações diferenciadas, a depender de quem o vivencia. O medo pode ser compreendido como algo que não é novo; trata-se de uma emoção sentida e vivida historicamente há muito tempo. Para Delumeau (2009), ao longo da história da civilização ocidental, o medo permaneceu, por um extenso período, silenciado, em razão da confusão que o imbricava ao sentido de covardia, bem como de sua associação ao temor ou à oposição entre medo e coragem.

Dessa forma, o fenômeno do medo não pode ser considerado uma questão recente, uma vez que, desde a Renascença, já se encontravam sentidos e vivências relacionados a essa emoção. Ou seja, ele existe independentemente da vontade social e é, de alguma maneira, conforme aponta Walton (2007), um fenômeno produzido nas e pelas relações sociais.

Mas como o medo se manifesta no contexto escolar? Na busca por reflexões acerca dessa indagação, recorre-se a autores que discutem sua concepção e historicidade, sentidos e vivências no cotidiano da escola pública em Fortaleza. O objetivo é

[1] Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará- UFC, crisneto19l@email.com
[2] Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Estadual do Ceará - UECE, merysany@email.com
[3] Mestranda pelo Curso de Psicopedagogia da Universidade Estadual do Ceará - UECE, sanymerysantos@gmail.com
[4] Mestra em Ciências pelo Programa de Pós-graduação do Instituto de Física da Universidade de São Paulo - USP, andrezafedalto7@gmail.com

ISSN: 2358-8829

compreender as múltiplas formas pelas quais o medo se apresenta no ambiente das escolas públicas de Fortaleza, Ceará.

No percurso investigativo, optou-se pela utilização de dados de pesquisa coletados no campo empírico de uma das autoras, os quais não puderam ser aprofundados em sua tese. Considerou-se, assim, a viabilidade de uma escrita que possibilitasse tornar visíveis as percepções docentes ao longo desse percurso, por meio de um conjunto de ferramentas metodológicas que tornaram possíveis as reflexões aqui apresentadas.

METODOLOGIA

A pesquisa se desenvolve ao longo de uma caminhada permeada por desafios e percalços, os quais impulsionam as engrenagens do campo à medida que este se apresenta. Nesse percurso, inclui-se a possibilidade de enxergar o fenômeno a partir do olhar da fenomenologia, compreendendo as coisas em suas próprias manifestações.

Conforme Martins, Boemer e Ferraz (1990), a fenomenologia configura-se como uma perspectiva analítica capaz de apreender o fenômeno por meio da experiência vivida tanto pelo pesquisador quanto pelos sujeitos envolvidos, entendidos como instâncias interconectadas, sem que uma se sobressaia à outra. Opta-se por essa abordagem por compreender que o fenômeno investigado pode ser refletido pelas formas como se manifesta no cotidiano social — neste caso, no contexto da escola pública situada em Fortaleza, especificamente em duas instituições, uma da rede estadual e outra da rede municipal.

De acordo com Schutz (1970), os caminhos para uma pesquisa de base fenomenológica implicam uma suspensão, por parte do pesquisador, de seus julgamentos e valores prévios. Parte-se, assim, dos significados atribuídos pelos próprios sujeitos (docentes e discentes), fundamentados em suas experiências sociais vividas — neste caso, na realidade escolar.

Desse modo, o percurso metodológico orienta-se pela análise da emoção medo como um fenômeno que se manifesta a partir das interpretações construídas por docentes e discentes que aceitaram participar desta pesquisa.

A investigação ocorreu nos meses de maio e novembro de 2025, a partir de dados oriundos de uma pesquisa de doutorado em andamento de uma das autoras deste artigo, os quais não foram utilizados na escrita da tese. A ideia foi, então, trazer os olhares desses

sujeitos sobre a categoria emoção medo no cotidiano escolar, sem a intenção de apresentar resultados conclusivos, mas de sinalizar reflexões possíveis no que se refere à temática.

Os recursos metodológicos empregados foram entrevistas semiestruturadas — entendidas como aquelas que não seguem um roteiro rígido, partindo da questão norteadora "O que significa o medo para você?" — e observações em campo, nas quais foram registrados, em diário de campo, os aspectos considerados relevantes para a pesquisa.

Os sujeitos entrevistados foram três professores e quatro alunos, vinculados às duas instituições escolares investigadas. Todos foram convidados a participar do estudo e aceitaram prontamente, sob a condição de não serem identificados, assim como as escolas envolvidas. Dessa forma, optou-se pela preservação do anonimato dos participantes e das instituições ao longo da discussão apresentada neste artigo.

A metodologia, portanto, consistiu em trazer os olhares desses sujeitos acerca da categoria emoção medo no cotidiano escolar, sem a pretensão de apresentar conclusões definitivas, mas de sinalizar reflexões possíveis e caminhos interpretativos em relação à temática.

REFERENCIAL TEÓRICO

De acordo com o dicionário Michaelis (on-line), o medo significa: "1. Estado psíquico provocado pela consciência do perigo, real ou apenas imaginário, ou por ameaça. 2. Receio de ofensividade irracional; temor. 3. Receio de ofender, de causar mal ou de que ocorra algo desagradável". Desse modo, o medo pode ser considerado um fenômeno carregado de conotações marcantes para o ser humano. Por outro lado, também possibilita formas de autocontrole diante das adversidades que permeiam o cotidiano.

Walton (2007, p. 25) aponta algumas características do medo na tentativa de compreendê-lo, destacando seus diferentes significados históricos e sociais:

> 1.Em inglês arcaico: Um perigo. 2. a. A emoção de dor ou inquietação causada pela sensação de perigo iminente ou pela apreensão do mal. Na acepção histórica, aplicada aos extremos mais violentos de emoção. Com frequência personificado. B. Um estado de alarme ou pavor. 3. O estado de temer (alguma coisa); esp. Um sentimento misto de pavor e referência em relação a Deus (ou, outrora, a qualquer autoridade legítima). 4. Solidão, angústia pela segurança de uma pessoa ou coisa. 5. No sentido objetivo: a. Motivo para alarme. b. Capacidade de inspirar medo. c. Algo que é ou deve ser temido.

ISSN: 2358-8829

Assim, o medo assume um panorama ampliado de compreensão, que vai desde a noção de perigo, passando pelo estado de pavor, até alcançar a capacidade de inspirar temor ou cautela. Objetivamente, o medo faz parte do mundo social como um fenômeno que representa aspectos negativos, mas também como um mecanismo que atua como freio diante daquilo que pode vir a causar dano ou ameaça (Walton, 2007).

De uma maneira ou de outra, o medo configura-se como uma emoção social presente em diversas situações. Nesse sentido, Alves, Schroeder e Abreu (2021) afirmam que se trata de um sentimento crucial no processo de sociabilidade. A emoção medo possibilita um freio social de autocontrole em determinadas circunstâncias que podem colocar os sujeitos em risco, além de funcionar como um sinal de alerta de que algo não está bem ou de que existem, por trás dessa emoção, questões que não podem ser reveladas — seja para evitar prejuízos a si mesmo, seja para não comprometer o outro.

No decorrer da história da civilização, houve uma luta constante pela sobrevivência, marcada por relações de poder e por estratégias de manutenção da vida diante das adversidades impostas socialmente, tanto no plano cultural quanto no social. Nesse processo, múltiplas nuances foram se apresentando nas configurações sociais do chamado processo civilizatório, o qual Norbert Elias (2011) compreende como um campo variável de fatos sociais que envolve desde o desenvolvimento das tecnologias até os saberes religiosos e culturais. Nesse contexto, torna-se necessário o controle das emoções como forma de manutenção da civilidade, aspecto considerado crucial para a vida cotidiana.

Dentro dessa perspectiva, o medo passou a assumir diferentes concepções conforme o contexto social. No período da Renascença, por exemplo, esteve associado ao ideal de heroísmo, sustentado por um discurso de coragem voltado à defesa e à segurança dos territórios. Tal associação produziu uma confusão conceitual, na qual o medo era frequentemente interpretado como ato de covardia ou como sinal de fraqueza diante do enfrentamento das adversidades existentes. Delumeau (2009) adverte que essas concepções não passaram de um grande mal-entendido, pois ocultavam, na verdade, a distinção simbólica entre a bravura atribuída aos cavalheiros e a suposta “covardia” atribuída aos plebeus. Esses argumentos podem ser observados na literatura da época, assim como em outras sondagens históricas que indicam certa ausência explícita dessa emoção. Não significa, contudo, que o medo tenha sido desconsiderado no processo civilizatório, mas que possivelmente tenha assumido contornos distintos, pois, como

afirma Delumeau, “quer haja ou não mais sensibilidade ao medo, este é um componente maior na experiência humana” (2009, p. 23).

Walton (2007) acrescenta a essa discussão que, entre as emoções consideradas mais antigas na história, o medo ocupa lugar central. Para o autor, trata-se de uma emoção que motiva e, ao mesmo tempo, controla o ser humano diante das condições existenciais do cotidiano. O medo configura-se, assim, como uma forma insatisfeita de olhar o mundo, funcionando como um elemento que impede o sujeito de enxergar e de buscar aquilo que o autor compreende como a “verdadeira realidade”.

Na perspectiva de Furedi (2013), ao discutir a sociologia do medo, essa emoção não deve ser compreendida como algo natural ou meramente biológico. Ao contrário, o medo encontra-se inscrito nas narrativas políticas e culturais, tendo sido progressivamente mercantilizado ao longo dos séculos XX e XXI. Para o autor, o medo constitui “uma dimensão importante da consciência deste século XXI. É uma forma de consciência que se articula explicitamente com questões concretas por meio de uma narrativa” (Furedi, 2013, p. 191).

À vista disso, a emoção do medo permanece atravessada pelas manifestações do contexto social, configurando-se como um desafio na produção de sentidos diante da incerteza, do temor e do clima emotivo presente em situações que exigem ou provocam emoções capazes de revelar significados sobre determinadas realidades sociais (Furedi, 2013).

Mas como o medo se expressa no contexto escolar? Para refletir sobre essa questão, recorre-se às análises de um estudo sobre a perseguição de professores nas escolas brasileiras (Brasil, 2025), no qual o medo aparece como um dos impactos centrais na vida pessoal e profissional dos docentes, especialmente no que diz respeito à insegurança e ao receio de perder o emprego.

Segundo Sapienza e Schoen (2014), o medo no ambiente escolar também se relaciona à própria condição de frequentar a instituição, sobretudo para alunos que não se sentem pertencentes ao contexto escolar ou que temem professores em razão das cobranças relacionadas ao desempenho acadêmico e até da violência no território. Complementando essa discussão, Poggi (1983) concebe o medo como uma forma de desconforto ou fobia diante de determinadas situações escolares, tais como a ansiedade provocada por aulas específicas, atividades não compreendidas ou práticas docentes marcadas por cobranças excessivas ou ameaças. Nessa perspectiva, o medo passa a ser

ISSN: 2358-8829

compreendido como uma forma de sofrimento — por vezes patologizado — que afeta tanto alunos quanto professores no cotidiano escolar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O medo, conforme compreendido por alguns professores da rede pública de Fortaleza, Ceará — tanto da esfera municipal quanto da estadual —, aparece como uma emoção constante no espaço de atuação profissional. Tal sentimento tem início, muitas vezes, no próprio território onde as escolas estão inseridas, marcado pela vulnerabilidade social e pela presença de organizações criminosas que amedrontam e, por vezes, impõem regras de circulação e convivência no bairro.

Relata uma professora que, ao se dirigir pela primeira vez à escola onde iria se lotar, foi abordada durante o percurso por alguns jovens que afirmavam estar "protegendo" aquela área:

> Fiquei estarrecida na hora, do nada eles apareceram na porta do meu carro, sinalizando para baixar o vidro. O medo acelerou meu coração que parecia sair pela boca, eu fiquei com a voz trêmula e pausada. Quando me apresentei que era a nova professora da escola tal, eles só me alertaram para ter cuidado e sempre andar com os vidros baixos naquela localidade. Quando me "liberaram" a vontade que eu tinha era dar meia volta e não ir mais para a escola. O medo tomou conta de mim, me paralisando" (Entrevista com a professora A, escola municipal, novembro de 2025).

Essa narrativa evidencia o medo como uma emoção que se manifesta de forma imediata, sem que haja tempo para o exercício do autocontrole. As expressões corporais relatadas — "acelerou meu coração", "voz trêmula e pausada", "me paralisou" — configuram indícios emocionais que revelam impactos significativos na experiência vivida por essa professora. A situação narrada dialoga com o pensamento de Poggi (1983), ao compreender o medo como uma forma de sofrimento provocada por situações de desconforto e temor diante de determinados acontecimentos, aspecto condizente com a fala apresentada.

Por outro lado, essa mesma realidade produz controvérsias quando observada a partir da perspectiva dos alunos que residem nos arredores da escola. Em suas falas, emergem percepções distintas sobre o medo: "não tenho medo de nada não, apesar desse pessoal das facções, não mexendo com eles fica tudo bem", "imagina que um dia fui chamada pelos caras sabe, daí fiquei com medo e ainda tenho até hoje", "acho de boa aqui

ISSN: 2358-8829

na escola, só tenho medo de alguns professores" (Entrevista com alunos, escola estadual, maio de 2025).

As falas indicam que o medo faz parte da realidade desses estudantes, seja no território em que residem, seja no interior do espaço escolar, assumindo significados diversos. Para alguns, o medo relacionado às facções criminosas aparece como uma condição com a qual se aprende a conviver, uma realidade da qual "não há para onde correr". Ainda que o medo se apresente como uma emoção real, ele é, em certos momentos, acompanhado por uma sensação ambígua de que "está tudo bem", desde que não haja confronto — "não mexendo com eles". Tal percepção aponta para uma forma de naturalização da violência e de aceitação do risco cotidiano, como se este fizesse parte da normalidade da vida no território.

Esse aspecto dialoga com as reflexões de Sapienza e Schoen (2014), ao afirmarem que o medo no campo escolar pode estar associado a fatores externos à instituição, especialmente à violência presente para além dos muros da escola.

Outra professora, que atua há muitos anos na instituição, afirma que o medo é uma presença constante em sua trajetória profissional. Por ser professora temporária — ou seja, sem vínculo efetivo com a rede estadual —, relata vivenciar permanentemente a incerteza sobre sua permanência na escola, uma vez que ocupa a disciplina de outro docente que pode retornar a qualquer momento. Além disso, destaca que, em diversas situações, opta pelo silêncio dentro da escola, por receio de desagradar alguém ou de sofrer represálias administrativas, como ser transferida para outra unidade: "acho melhor ficar calada e com meu medo internamente" (Entrevista com a professora B, escola municipal, novembro de 2025).

O medo permeia a fala dessa professora como um sentimento associado ao receio de perder o emprego, situação também mencionada por outros docentes da rede estadual. Essa instabilidade profissional provoca impactos profundos na vida emocional e financeira dos professores, convergindo com os achados do estudo sobre a perseguição de professores nas escolas brasileiras, que aponta o medo como um dos elementos centrais a afetar a vida emocional e profissional desses sujeitos (Brasil, 2025).

Assim, o medo configura-se, para esses professores, como uma emoção que os atravessa cotidianamente — seja pela incerteza da não efetivação trabalhista, seja pelo temor que os leva ao silenciamento diante de situações que possam lhes causar prejuízos, conforme alerta Furedi (2013). Tanto para professores quanto para alunos, ao menos no

ISSN: 2358-8829

contexto desta pesquisa, a emoção do medo manifesta-se profundamente vinculada ao contexto social em que estão inseridos, adquirindo significados que impactam o cotidiano escolar e a vida pessoal de cada um.

Em outra narrativa, um aluno chamou a atenção ao afirmar que sentia muito medo de frequentar a escola e que ninguém podia fazer nada a respeito:

> Todos os dias saio de casa quase que empurrado pela minha avó. Fico com receio de dizer para ela por que não quero vir, sabe? [pausa]. Ninguém pode me ajudar. Já fui ameaçado [voz chorosa] porque não quero fazer parte desse mundo, tipo dessa violência toda. Fico, tipo, morrendo de medo e não sei o que fazer… Estou falando isso, mas tenho medo até de estar dizendo aqui. Mas sei que você não vai dizer meu nome, né? Tipo, estou muito ansioso." (Entrevista com aluno, rede municipal, novembro de 2025).

As palavras do aluno apontam para um medo atravessado por diferentes facetas. Primeiramente, trata-se de um medo diretamente associado à violência presente no território, aspecto que, muitas vezes, contribui para que os alunos não desejem frequentar a escola ou acabem evadindo. O aluno chega a afirmar que "ninguém pode ajudar", revelando uma sensação profunda de desamparo. Nem mesmo os familiares — no caso, a avó — têm conhecimento da situação vivenciada, o que indica o quanto o medo opera também como silenciamento.

Ao que tudo indica, o aluno encontra-se diante do temor concreto de perder a própria vida, além do medo de expor sua condição a outras pessoas, situação que o deixa visivelmente tomado pela ansiedade. Essa narrativa revela significados que, por vezes, extrapolam a discussão proposta, mas que, ao focar na emoção do medo, evidenciam sentimentos de insegurança extrema, associados à ameaça, ao risco e à vulnerabilidade, configurando uma vida emocional marcada pelo sofrimento psíquico.

Esses aspectos afetam diretamente sua realidade social, chegando ao ponto de produzir o desejo de abandono da escola. Outro elemento relevante diz respeito à afirmação de que "ninguém pode ajudá-lo", o que reforça o isolamento emocional e a ocultação da própria condição diante da família e das instituições.

Segundo Sapienza e Schoen (2014), situações como essa podem desencadear o que as autoras denominam de "fobia escolar", caracterizada pela aversão à escola, pelo abandono das atividades escolares e por estados intensos de ansiedade, capazes de gerar sofrimento e adoecimento emocional severo. Dependendo da idade e da duração dessas experiências, os agravos podem tornar-se, inclusive, irreversíveis. As autoras alertam que tais situações extrapolam os problemas de ordem social, atingindo a saúde emocional dos

alunos, o que demanda a mobilização de redes de apoio que vão além da capacidade de intervenção da escola. Contudo, isso não exime a instituição escolar de acionar políticas intersetoriais e redes de proteção, de modo a garantir os direitos sociais dos sujeitos envolvidos.

Outro ponto pertinente de discussão, apontado por uma professora, refere-se à questão do *bullying* entre os alunos. Para ela, trata-se de uma problemática que vem afetando diretamente o trabalho docente e o rendimento escolar dos estudantes. Como exemplo, relatou a situação de um aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA) que frequentava sua turma e que constantemente afirmava sentir medo da escola. Com o passar do tempo, a professora buscou compreender o que estaria por trás dessa sensação expressa pelo aluno.

> Um dia cheguei à sala e presenciei o enorme desafio que esse aluno estava enfrentando. Os colegas estavam rindo dele, chamando-o de burro, doido, abestado, entre outros adjetivos que nem vale a pena repetir. Senti, naquele momento, o sofrimento dele e passei a desenvolver um trabalho de sensibilização em relação ao autismo. Sei que pode não ser suficiente, mas não posso ficar parada e ver aquilo se repetindo. (Entrevista Professora C, rede estadual, maio de 2025).

A narrativa evidencia que o *bullying* pode se configurar como uma das facetas do medo no contexto escolar, podendo desencadear silenciamentos, sofrimento emocional, evasão ou, como no caso relatado, experiências contínuas de humilhação. Trata-se de um aspecto profundamente desafiador para a comunidade escolar, que, por vezes, encontra possibilidades de enfrentamento por meio de ações pedagógicas e processos de sensibilização, como demonstrado pela iniciativa da professora.

O medo manifestado pelo aluno, ao afirmar que tinha medo da escola, revelou-se como a forma encontrada para expressar o sofrimento vivido nas interações cotidianas com os colegas. Ainda que ele não conseguisse explicar de maneira detalhada o que estava acontecendo, o medo funcionou como um sinalizador de que algo estava errado, indicando a existência de uma experiência de violência simbólica que, posteriormente, pôde ser identificada pela docente.

Para além de outras questões que extrapolam o escopo desta reflexão, o medo apareceu como uma sensação real e concreta na experiência desse aluno. Trata-se de uma emoção social que emerge das relações de interação, conforme aponta Walton (2007), ao compreender o medo como uma expressão da insatisfação do sujeito diante da realidade social. Nesse sentido, o medo atua como um mecanismo revelador de que algo não está

em ordem, de que há tensões e sofrimentos que demandam atenção — exatamente o que se evidenciou na situação vivenciada por esse aluno.

Portanto, não há como negar a presença do medo no campo escolar, o qual se manifesta de forma multifacetada entre professores e alunos. Trata-se de uma emoção que produz impactos relevantes no cotidiano, levando, muitas vezes, ao silenciamento, à adaptação ou à naturalização de situações vivenciadas no ambiente escolar ou em seus arredores — situações que, não raramente, atravessam os muros da escola e se fazem presentes em seu interior.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De que modo a emoção medo se manifesta nas experiências cotidianas dos docentes e discentes? Essa pergunta de partida não implica a necessidade de uma resposta categórica. Pelo contrário, o que se buscou foi apontar alguns indicativos de que a emoção medo está presente no cotidiano da vida de professores e alunos, revelando-se por facetas distintas, a depender das situações experienciadas.

De uma forma ou de outra, o medo pode ser compreendido a partir de múltiplas expressões: para alguns, trata-se de uma emoção que conduz ao silenciamento; para outros, provoca sofrimento e receios constantes; enquanto, para outros ainda, o medo aparece atravessado pelas dinâmicas da violência, especialmente em contextos de vulnerabilidade social, nos quais os territórios parecem estar à mercê da atuação de organizações criminosas.

Assim, o medo representou, neste artigo, uma categoria social que impacta, por meio de diferentes facetas, a vida social, emocional e escolar de professores e alunos. Embora este estudo não esgote as possibilidades analíticas sobre a temática, reconhece-se a necessidade de aprofundamentos teóricos e empíricos futuros, deixando o debate aberto como provocação para novas reflexões e investigações.

REFERÊNCIAS

ALVES, Fabio Lopes; SCHROEDER, Tânia Maria Rechia; ABREU, Claudia Barcelos de Moura. Os efeitos da pandemia no cotidiano dos brasileiros: um olhar a partir da sociologia e antropologia das emoções. **Revista Latinoamericana de Estudios sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad**. N. 36. Ano 13, 2021.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro (org.). **Tempos de Pandemia**: reflexões sobre o Brasil. João Pessoa: Grem-Grei, Florianópolis: Tribos da Ilha, 2020.

BRASIL. Observatório nacional da violência contra educadoras/es [ONVE]. **Um estudo quantitativo sobre a perseguição de educadoras/es no Brasil**. Niterói: ONVE, 2025. (Ameaças à educação democrática, Vol.1). Disponível em: https://www.andes.org.br/diretorios/files/renata/2025/13/Um%20estudo%20quantitativo%20da%20perseguicao%20educadores%20no%20Brasil%202025.pdf. Acesso em: 20 jan. 2026.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no ocidente (1300-1800)**: Uma cidade sitiada. Tradução de Maria Lucia Machado. Rio de Janeiro: Companhia de Bolso, 2009.

SANTOS, José da Silva. **Democracia e qualidade da democracia**: uma análise do caso do Brasil. 2. ed. São Paulo: Editora Tal, 2023.

FUREDI, Frank. Para uma sociologia do medo. In: In: MENDES, José Manuel de Oliveira; ARAGÃO, Alexandra; ARAÚJO, Pedro; NOBRE, Márcio (org.). **Risco, cidadania e Estado num mundo globalizado**. Coimbra, Portugal: Universidade de Coimbra, p. 191–210, 2013.

MARTINS, J.; BOEMER, M.R.; FERRAZ, CA. A fenomenologia como alternativa metodológica para pesquisa: algumas considerações. **Rev. Esc. Enf. USP**, São Paulo, 24(1):139-147, abr. 1990.

MICHAELIS. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, [s.d.]. Disponível em: https://michaelis.uol.com.br. Acesso em: 22 jan. 2026.

POGGI, Hertz S. Psicopatologia do medo escolar. **Rev. de Psicologia**, 1 (l): Pág. 77-81, jan./ dez. 1983.

SAPIENZA, Graziela; SCHOEN, Teresa Helena. Existe medo de ir à escola? **Publ. UEPG Humanit. Sci., Linguist**., Lett. Arts, Ponta Grossa, 22 (2): 181-187, jul./dez. 2014.

SCHUTZ, Alfred. **Fenomenologia e relações sociais**. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

WALTON, Stuart. **Uma história das emoções**. Tradução de Ryta Vinagre. Rio de Janeiro: Record, 2007.